

Nota à edição

Carla Diéguez e Rosemary Segurado

André Gorz, no início de seu livro *Metamorfoses do Trabalho*, diz que o trabalho na modernidade é aquele que se exerce na esfera pública a partir do qual se busca reconhecimento e construção da identidade social. Esse é o trabalho que tantos de nós procuramos ao longo do tempo e que no entanto está se tornando cada vez mais raro. As transformações no capitalismo nas últimas décadas do século XX legaram ao século XXI um mundo no qual o trabalho é intermitente, flexível e pouco relacionado às aspirações do trabalhador.

No entanto, o trabalho na atualidade pouco difere daquele discutido por Gorz e por tantos autores, obras literárias e filmes, que mesmo compreendendo que o trabalho é fonte de reconhecimento não negam o seu caráter alienante.

É nessa linha que seguem os artigos apresentados por esse dossiê. Passando pelos clássicos filmes do trabalho industrial e fordista àqueles que mostram as consequências produzidas pelo capitalismo flexível na identidade dos trabalhadores, os artigos aqui apresentados buscam retratar como o capitalismo, seja aquele da Revolução Industrial ou o do setor financeiro, utiliza de recursos para alienar o trabalho, e como os trabalhadores, das mais diferentes maneiras, procuram resistir a essa alienação, encontrando formas para construir suas subjetividades e identidades.

Os artigos de Marta de Aguiar Bergamin, Leonardo Bueno França e Michel Silva nos mostram o operário fordista. Marta Bergamin faz uma análise do clássico *A Classe Operária vai ao Paraíso* e mostra os conflitos de um operário fordista na busca pela construção da sua consciência e, conseqüentemente, da sua identidade

de classe. Michel Silva, por sua vez, analisa *A Última Gargalhada* e remete o leitor à Alemanha do entre guerras, recuperando-se com a força do trabalho dos homens em um contexto no qual o nacional socialismo crescia e utilizava-se de sua ideologia para a construção de uma nação moderna. Por fim, o artigo de Leonardo Bueno França mostra como a *Ford Motor Company* produzia, através dos cinejornais do seu departamento de Publicidade e Cinema, o funcionário atomizado e alienado característico do período fordista-taylorista.

As transformações no capitalismo pós-1970 e suas consequências são objeto dos filmes analisados pelos demais artigos do dossiê. O artigo de Leonardo Mello e Silva volta-se às mudanças ocorridas na planta produtiva da fábrica da Peugeot, em Sochaux (França), que foram objeto do belíssimo livro de Michel Pialoux e Stéphane Beaud, *Retorno a Condição Operária*. Leonardo analisa tais mudanças comparadas ao caso brasileiro, que na mesma época, final dos anos 1970 e início dos anos 1980, vivia o fenômeno do novo sindicalismo. Enquanto o filme e os autores franceses observam as mudanças no trabalho e na identidade dos trabalhadores, os autores brasileiros e os filmes sobre a época – como *Linha de Montagem*, de Renato Tapajós – voltam-se para a efervescência do movimento sindical. No caso, ambos os países vivem momentos econômicos diferentes. Enquanto para os franceses o pleno emprego industrial era uma realidade em declínio, para os brasileiros permanecia uma utopia.

Por fim, o artigo de Laura Pimentel Barbosa nos mostra as consequências que tais mudanças no capitalismo provocaram nos trabalhadores franceses. Ao contar a história de um desempregado em busca de emprego, o filme *La loi du marché* nos coloca para refletir sobre o valor da vida humana em um mundo no qual tudo é flexível, e que, como diz Richard Sennett, não há longo prazo e essa efemeridade se transborda para outras dimensões da vida social.

Os artigos do dossiê expressam o quanto o cinema contribui para a reflexão do processo de produção da subjetividade do trabalhador nas diferentes fases do capitalismo e nos oferece perspectivas diversas para compreender o papel do trabalho historicamente e na atualidade.

Em outra perspectiva, mas ainda tendo a produção cinematográfica como eixo central de análise encontraremos o estudo de duas produções do gênero ficção científica para problematizar a relação do homem e sociedade, objeto clássico da sociologia. Vale destacar que esse gênero perpassa a história do cinema e antecipou,

de forma quase visionária, modos de vida, objetos, dinâmicas sociais e políticas.

As autoras Eliane Meire Soares Raslan e Ariane Calista de Almeida Vieira analisam um clássico, *Star Wars*, transitando por diversas linguagens e por meio de ampla pesquisa nas redes sociais é possível entender o amplo debate realizado pelos fãs, demonstrando que a paixão não se esgota apenas no filme como entretenimento, mas se expande e proporciona amplo debate filosófico, ao abordar a relação do homem com a tecnologia.

O determinismo genético debatido por J. Flávio Ferreira é um dos temas que marca a passagem do século XX para o XXI, principalmente se considerarmos o sequenciamento do genoma na virada do milênio. Questão multifacetada, a genética impulsiona esperanças de melhoria das formas de vida, polêmicas éticas em torno do uso de mapas genéticos para a seleção de trabalhadores em empresas, além da possibilidade de se intensificar as formas de eugenia. Enfim, abre brecha para medos desse universo desconhecido, chamado por muitos cientistas de “mapa da vida”.

O dossiê mostra que o cinema como forma de pensamento, imagem-tempo, imagem movimento é potente forma de pensar o homem em suas múltiplas dimensões.